

**RATZINGER, Joseph, Bento XVI – *A Teologia da História de S. Boaventura*, (Porto 2010), Tradução de Maria Manuela Brito Martins, 234 p.**

Na colecção Textos Franciscanos, o Centro de Estudos Franciscanos, com sede na cidade do Porto, em parceria com a Editorial Franciscana, publica mais um volume, devido à reflexão de J. Ratzinger, mais propriamente o texto de sua tese de habilitação para a carreira universitária, que versou sobre a obra de Boaventura "Conferências sobre o Hexaemeron".

Estava Boaventura no início do seu generalato da seráfica ordem de S. Francisco quando escreveu as suas reflexões sobre os seis dias, que não é outra coisa senão uma dissertação sobre a graça e o sentido da História. A intenção de Boaventura não é outra senão a de opor aos desvios doutrinários da época representados pelo Joaquinismo e por várias espécies de "fraticelli", a verdadeira sabedoria cristã, escopo que o santo franciscano prossegue por uma relação entre salvação e história. Implicamente, desta forma, o Santo Doutor, de maneira subtil, e permanecendo fiel à longa tradição da "teoria dos sentidos", ultrapassa a interpretação tomista e escolástica em geral, dos "dicta probantia", para se situar mais próximo duma hermenêutica da palavra, o que lhe confere uma enorme modernidade.

Assim sendo fácil é compreender que Boaventura intente na sua obra algo semelhante ao que já fora tentado por Agostinho na *Cidade de Deus* a saber, tornar compreensível o presente e o futuro da Igreja, não a partir dum racionalismo abstracto como era o de alguma Escolástica, mas duma dinâmica dialéctica que a história encerrava misteriosamente. Diferenciando-se embora no ordenamento dos materiais e no método, Boaventura prossegue um escopo semelhante ao de Santo Agostinho.

Dentro deste objectivo, Boaventura considera Francisco não como um qualquer santo, mas como um profeta particular: "como um arauto do "grande Rei", um novo João Baptista (p.42 e s.) o anjo que sobe do nascer do sol", Francisco é para Boaventura o anjo apocalíptico do selo que deve promover o povo dos 144.000 marcados na frente. A este povo será dado provar o repouso do sétimo dia, a parusia.

É nesta perspectiva grandiosa que se estuda no capítulo II, o conteúdo da esperança da salvação em Boaventura. Resumidamente, para Francisco segundo Boaventura, quando Cristo aparece sob forma de Serafim, a compreensão de Cristo atingia o grau supremo do amor, sendo em função desse amor hierarquizados os homens e sua salvação.

Contrariamente ao aquinatense, S. Boaventura conheceu a exegese de Joaquim de Fiore e apropriou-a (154). Todavia Boaventura não aceita a ideia duma idade do Espírito que substituísse a mediação de Cristo.

Em conclusão e comparando a visão franciscana de Boaventura com o Aristotelismo (implicitamente com o Tomismo?) a obra de Boaventura salda-se por uma recusa, precisamente pela emergência e desenvolvimento duma teologia da história, mais próxima da palavra do que das categorias fixas do Aristotelismo.

A leitura deste trabalho de fina análise de Ratzinger, é para qualquer pessoa informada dos caminhos da teoria dos sentidos (comparar com a obra de Lubac **Histoire et Esprit**) uma agradável surpresa. Foi-o para nós. Efectivamente à força de se repetir uma Escolástica tomista, esqueceu-se outra Escolástica, a nosso ver mais próxima da grande tradição hermenêutica, aquela a que pertence justamente S. Boaventura.

A tradução, embora não conheçamos o original alemão (a obra foi, creio também traduzida pela PUF) parece-nos excelente e denota também um trabalho minucioso.

Finalmente resta-nos felicitar a Editorial Franciscana e esperar que nos continue a oferecer bons textos franciscanos, como o presente.